

zação. Mas, enquanto os conservadores teriam plena consciência da fonte cognitivo-lógica do seu pensamento, os liberais seriam incapazes de articular as conseqüências dos diversos pontos de sua pregação. E, por isso, ao fazerem concessões a diversos pontos da pauta de seus adversários, eles acabariam por se mostrar ilógicos e pouco confiáveis aos eleitores, que por essa razão os estariam abandonando.

Evidentemente, os dois livros examinam contextos ideológicos e políticos diferentes, com metodologias muito diversas. Mas, para quem está empenhado em entender os diversos contextos em que o conservadorismo ganha força, são leituras estimulantes e complementares.

ROBERTO GRÜN ■

Religião, gênero e família

Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar.

MACHADO, Maria das Dores Campos.

Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

Originalmente uma dissertação de mestrado defendida no IUPERJ, transformada em livro, *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*, de Maria das Dores Campos Machado, vem enriquecer os recentes debates sobre religiões no Brasil, e particularmente os estudos sobre o pentecostalismo e o movimento carismático na Igreja Católica. Premiado pela ANPOCS em 1994, o livro focaliza, de modo original, a relação entre religiosidade e gênero, investigando as modalidades de conversão religiosa de homens e mulheres e o seu impacto na vida familiar.

Enfrentando o desafio de interligar esses temas, a autora descreve o modo pelo qual a adesão ao revivalismo religioso no pentecostalismo protestante e no Movimento Renovação Carismática Católica traz conseqüências para as relações de família, destacando a ética de alguns grupos revivalistas, que parece facilitar a redefinição das relações de gênero. O livro trata do *ethos* familiar e da moralidade sexual desses grupos. Segundo a autora, a pesquisa encontra sua justificativa na "... histórica e estreita relação entre as instituições religiosas cristãs, o padrão patriarcal de relacionamento familiar e o controle da sexualidade, mas também pela constatações das mudanças ocorridas nas sociedades modernas" (p.5).

A reprodução das crenças religiosas na esfera da família é apresentada através dos

processos de modernização e secularização, ou seja, da separação entre Estado e Igreja e do fim da identidade entre valores sociais e cristãos. O centro do debate é a tese do declínio da religião na modernidade, confrontada com as evidências de ascensão de diversos movimentos religiosos. No Cap.1 a autora discute o paradigma da secularização e o crescente aumento dos movimentos religiosos. Expõe e analisa as várias correntes da sociologia da religião nas quais se focaliza o tema do florescimento dos movimentos revivalistas.

Segundo determinadas perspectivas, o processo de racionalização e institucionalização da experiência religiosa acarretaria necessariamente o desaparecimento da emoção e da própria religião. A autora nos propõe, no entanto, a possibilidade de repensar essa tese, remetendo-se a Weber e a Durkheim "...para se verificar até que ponto os processos de racionalização e institucionalização da experiência religiosa, identificados respectivamente por estes autores, acarretam o desaparecimento da emoção e o declínio inexorável da religião" (p.13). Durkheim, por exemplo, apresenta o caráter eterno da necessidade de representação, ou seja, da religião. Mesmo enfatizando a ciência como forma perfeita do pensamento religioso, e que vem posteriormente a substituí-lo, este autor resgata a religião como "meio de fazer os homens viverem", de "dar forças aos homens para suportar e superar as dificuldades da vida" (p.17). No lugar de um vazio moral na modernidade, ele apresenta a reafirmação do sagrado sob a forma de individualismo ético. Weber, por sua vez, propõe a autonomia das esferas de valor (da ciência, da arte e da moral) e remete-se à relação entre a racionalidade técnico-científica (nas sociedades modernas)

e a de caráter religioso. Para esse autor, existiria uma tensão entre a "racionalidade substantiva" do pensamento religioso e a "racionalidade essencialmente instrumental" da ciência. Ele reconhece a lógica contraditória do processo de racionalização e a pluralidade de éticas nas sociedades industrializadas. Caberia a cada indivíduo escolher entre elas.

Partindo dessas discussões sobre a relação entre modernidade e movimentos religiosos, a autora apoia-se em Peter Berger para focalizar os movimentos revivalistas, cuja ênfase ora centrar-se-ia em tendências **secularizadoras**, ora em tendências **contra-secularizadoras**, ou seja, **modernizadoras** e **contramodernizadoras**. Esse autor sugere que os movimentos evangélicos, ao contrário dos movimentos muçulmanos, são "positivamente modernizantes" e apenas parcialmente "contramodernizadores". Já os movimentos muçulmanos resistem à modernidade e ao secularismo. Para a autora, a religião sobreviveu na modernidade, pois se, por um lado, esta última possibilitou maior controle da natureza, não conseguiu, entretanto, acabar com as ameaças e apreensões humanas.

Embora não esteja presente no livro, vale aqui lembrar o debate clássico entre Weber e Troeltsch a respeito da relação entre protestantismo e mundo moderno. Este último critica a tese segundo a qual o protestantismo é o fermento da cultura moderna. Para ele, esta relação entre protestantismo e cultura moderna é bastante complexa, configurando várias mediações. O protestantismo é, segundo ele, essencial para a elaboração do individualismo religioso, vindo a cooperar significativamente na criação do mundo moderno. Segundo ele, "não devemos exagerar", embora não seja possível negar abertamente sua grande significação na origem do mundo moderno. Mas o que parece interessante no pensamento deste autor é justamente a forma pela qual ele trata a passagem da cultura eclesial do protestantismo para a cultura moderna não eclesial. Esse problema vem se colocar na medida em que, para ele, não há uma relação direta entre protestantismo e cultura moderna, mas, sim, indireta. Não existe um caminho direto, sua significação clara a esse respeito deve ser indireta, ou seja, o que é comum a essas duas culturas (cultura eclesial do protestantismo e cultura moderna não eclesial) deve ficar numa profundidade escondida e não diretamente consciente no pensamento. Neste ponto, Troeltsch se opõe a Max Weber, que pensa

essa relação de forma mais direta. Não é possível, para o primeiro, falar de uma criação da cultura moderna pelo protestantismo porque, em primeiro lugar, são muitos (várias denominações) e, segundo, porque o catolicismo já tinha se apresentado anteriormente também como importante para a cultura moderna. Não é, portanto, um fato novo

Chamando atenção para o caso dos movimentos religiosos no Brasil de hoje, o livro de Maria das Dores Machado retoma a discussão da secularização da sociedade moderna, e conclui que essa racionalização não exclui totalmente o **misticismo** e o **emocionalismo** dessas religiões. Baseando-se nos trabalhos de C.P. Camargo e Cecília Mariz (p.30) afirma que essas características encontradas nos movimentos pentecostais e nas religiões afro-brasileiras apresentariam um potencial racionalizador muito importante no momento de intensas mudanças sociais, e na medida em que a população brasileira necessita de suporte institucional.

No Cap.2 a autora narra a história do surgimento e do desenvolvimento do pentecostalismo e do Movimento Renovação Carismática Católica no Brasil. Ela apresenta a influência do pentecostalismo na constituição do Movimento Carismático, possibilitando ao leitor tomar conhecimento dos dois movimentos de uma maneira original, através da relação entre eles. Sua amostra é relativamente pequena, não tendo significação estatística, uma vez que se trata de um trabalho de natureza qualitativa, mas os resultados poderão fornecer pistas para estudos posteriores. Essa amostra integra um total de 120 pessoas entre mulheres da classe média, mulheres da classe popular, homens da classe média e homens da classe popular, distribuídos entre os grupos religiosos carismático, pentecostal, protestante histórico e católico não-carismático.

No Cap.3 a autora trata do processo de conversão e adesão dos homens e mulheres ao pentecostalismo e à Renovação Carismática. Ela aponta as relações entre os movimentos pentecostal e carismático e as tradições protestantes e católicas, no sentido de explicitar o *ethos* pentecostal e a identidade carismática. Seu objetivo é, também, verificar as justificativas apresentadas por homens e mulheres para sua conversão, assim como as reações de suas famílias. Ela descreve o modo como a conversão e a filiação religiosa se processou: os casos em que a conversão foi de apenas um dos cônjuges, ou os casos em que um dos parceiros veio a acompanhar o outro. Os entrevistados

são separados em diferentes grupos (de acordo com o gênero, o grupo religioso e o *status* sócio-econômico). Os temas das entrevistas são separação, conflitos familiares e moralidade.

No quarto capítulo a autora analisa os estudos sobre família no Brasil que destacam mudanças ocorridas nas últimas décadas "no padrão de família nuclear dominante entre nós: o modelo patriarcal" (p.117). Seu objetivo é perceber essas mudanças "na redefinição dos papéis de gênero e do surgimento de novos arranjos familiares". Se de fato essas mudanças estão ocorrendo, elas não se dão de forma idêntica em todos os grupos sociais. Neste capítulo se analisa também os efeitos da adesão religiosa, de cada um dos entrevistados, sobre as relações de gênero. É a partir do relato do dia-a-dia dos convertidos, dentro e fora de casa, que se verificaram aqueles efeitos.

A sexualidade e o comportamento reprodutivo dos pentecostais e carismáticos é analisado no último capítulo. Temas como aids, aborto, relações sexuais pré e extra conjugais e planejamento familiar vão ser debatidos. No caso da Renovação Carismática, há, segundo a autora, uma grande tensão entre seus adeptos quanto à questão do controle da natalidade, justamente por estarem ligados à Igreja Católica. Por outro lado, os pentecostais são descritos como mais afinados com a separação moderna entre sexualidade e procriação. No entanto, apesar das diferenças, ela afirma que "...tanto o pentecostalismo quanto a Renovação Carismática podem estar ajudando intencionalmente na construção de um modelo de relacionamento familiar mais afinado com as mudanças sociais" (p.9).

Como assinaléi inicialmente, a relação entre religião, gênero e família é o ponto mais original e importante do livro. É através do espaço da família que a religião transmite as suas mensagens, podendo mesmo modificá-lo. É justamente neste estreito relacionamento entre religião e família que a autora desenvolve suas hipóteses. A questão principal do livro centra-se na hipótese de que a conversão ao pentecostalismo e ao Movimento Renovação Carismática Católica teria efeitos diferenciados em função da posição ocupada na ordem de gêneros, uma vez que o sistema dito "hegemônico de gênero dominante" no Brasil tem se caracterizado pela "assimetria dos papéis femininos e masculinos" e pela "dubiedade da moral sexual". Acreditando que homens e mulheres vivem a conversão religiosa diferentemente, o pentecostalismo "ênfatiza a igual-

dade espiritual e a responsabilidade individual pela salvação da sua pessoa e de seu grupo doméstico". A autora sugere que entre os casais em que apenas as mulheres se convertem há reprodução do padrão assimétrico de relacionamento familiar hegemônico na sociedade. Em face disso há uma atenuação dos conflitos familiares, porque as mulheres vão assumir um papel de **abnegação e sacrifício**. No caso em que somente os homens se convertem, existe a chance de se desenvolverem relações mais simétricas. Isto ocorreria na medida em que esta opção religiosa implica uma ruptura radical com o modo de vida anterior, fornecendo aos homens um modelo de comportamento inteiramente novo. A conversão religiosa de ambos os cônjuges a uma dessas religiões possibilita a redefinição das relações de gênero.

É na comparação entre os dois movimentos religiosos que o livro desperta maior interesse. De um lado o Movimento de Renovação Carismática, o qual, segundo a pesquisa, tem compatibilizado o culto a Maria com a crença na manifestação do Espírito Santo. E de outro o pentecostalismo, analisado a partir de várias denominações, como a Assembléia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus e outras. O pentecostalismo é descrito como mais propenso "à criação de um sistema de gênero alternativo ao modelo hegemônico na cultura latino-americana" (p.102). No entanto, ao apresentar os cultos pentecostais na sua diversidade, a autora refere-se à "ética rigorosa" da Assembléia de Deus ao lado da "ética sem restrições" da Igreja Universal do Reino de Deus, a qual, segundo os outros grupos pentecostais, não "combatem os vícios e costumes considerados imorais".

A partir das entrevistas e analisando os processos de conversão a esses dois movimentos, o livro mostra que homens e mulheres se relacionam diferentemente com os grupos religiosos. Segundo a autora, tanto na Renovação Carismática quanto no pentecostalismo, a conversão feminina e a participação intensa em atividades religiosas provocam conflitos com o parceiro. Mas é muito difícil a mulher convertida deixar a religião por causa dos conflitos familiares. Para a autora, "Isto sugere uma reação das mulheres à posição subalterna que lhes foi reservada na ordem de gênero hegemônico" (p. 193). Essa interpretação torna-se interessante a partir do momento em que ela só é possível através da relação com um movimento religioso específico. Existem também diferenças específicas ao se levar em conta, além da filiação

religiosa, o gênero, e a camada social dos convertidos. Os efeitos da filiação religiosa nas relações de gênero parecem demonstrar que as mulheres convertidas a cada um dos dois grupos religiosos "...se sentem fortalecidas em termos morais e espirituais". No entanto, a maioria das entrevistadas cujos maridos não foram convertidos aceita a posição de superioridade dos parceiros. Nos casais que compartilham da mesma crença religiosa, há chances de implantação "de um novo *ethos* familiar", onde os homens abandonam a posição de superioridade frente à parceira. Assim, mesmo estimuladas a agirem mais autonomamente, fortalecendo

sua auto-estima e sua dignidade, as mulheres pentecostais não rompem totalmente "com o modelo hierárquico e patriarcal" da sociedade abrangente. Isto se deve a crenças, internas ao pentecostalismo, que reforçam a disparidade entre os gêneros.

Finalmente, entre outras virtudes, o que o livro nos traz de mais valioso é uma descrição densa da experiência de mulheres e homens nas suas relações de conversão a esses dois movimentos religiosos. E nos convida à construção de um novo olhar sobre o tema.

MARCIA CONTINS ■

Masculino e feminino à luz dos modos da moda

O Sexo e As Roupas - a evolução do traje moderno.

HOLLANDER, Anne.

Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.

A moda e a roupa constituem um fenômeno que a cada dia desperta mais interesse, principalmente, quando se nota a moda como um sistema gerenciado pelo gosto e pela necessidade do novo, que faz com que sua lógica de envelhecimento precoce dos objetos se estenda para além do vestuário, ultrapassando o limite das roupas. Mais do que peças que somente cobriam o corpo, protegendo-o, as roupas tornaram-se formas de construção e de produção do próprio corpo e da expressão de sua sexualidade. É este o foco do livro *O Sexo e as Roupas - a evolução do traje moderno*, de Anne Hollander. Tomando como ponto principal as roupas masculinas e a alfaiataria moderna do século XIX, a autora procura mostrar que aquilo que compõe a silhueta estará sempre ligado à sexualidade e à imaginação. Estas serão, segundo Anne Hollander, as produtoras de imagens as quais permitem que valores como *status* e poder possam ser refletidos nos elementos que vestem o indivíduo. Utilizando o terno e a roupa com corte de alfaiate, a autora exami-

na o vestuário como uma forma dos gêneros sexuais falarem de sua sexualidade.

Discorrendo inicialmente sobre a história da moda, o texto concorda com os principais autores e estudiosos do assunto - James Leaver, François Boucher, Elisabeth Wilson e Gilles Lipovestky, entre outros - narrando que durante a Renascença a aparência passa a sobreviver ao uso e o desejo pelo novo supera a idéia da utilidade da roupa. Todos desejam a novidade e a sociedade ocidental, que durante a Idade Média manteve uma silhueta muito similar, a partir, principalmente, do século XVI passa a mudar sucessivamente de roupa.

Com a descoberta do Novo Mundo, outras fronteiras passaram a dar lugar ao homem na sociedade e as novidades no campo da astronomia diziam também que o indivíduo, anteriormente ligado à vida contemplativa, era ação e movimento permanente. O comércio crescia e a burguesia enriquecia. Reis, rainhas e a alta hierarquia monárquica possuíam o melhor trazido pelas navegações. Imediatamente a burguesia lançava os olhos sobre estes usos e os coplava, visando demonstrar seu *status* e ascensão econômica através daquilo que a camada mais elevada da sociedade tornara moda. Isto fazia com que a realeza mudasse novamente de roupa para destacar-se no corpo social. E assim, podemos dizer, iniciou-se uma ciranda que foi ampliada pela sociedade